A MORFOLOGIA DA PAISAGEM CULTURAL DE OTTO SCHLÜTER: MARCAS VISÍVEIS DA GEOGRAFIA CULTURAL?

■ JÖRN SEEMANN - DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS/ URCA

RESUMO

MUITO TEM SIDO ESCRITO SOBRE A NATUREZA DA GEOGRAFIA CULTURAL, MAS MUITO POUCO SOBRE A NATUREZA DOS GEÓGRAFOS CULTURAIS E COMO ELES ELABORAM, MUDAM E INOVAM SUAS CONCEPÇÕES DA DISCIPLINA. UMA CONTRIBUIÇÃO IMPORTANTE PARA AS DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE O CONCEITO DA PAISAGEM NA GEOGRAFIA CULTURAL SÃO AS PROPOSTAS METODOLÓGICAS SOBRE A ANÁLISE DA MORFOLOGIA DA PAISAGEM CULTURAL DO GEÓGRAFO ALEMÃO OTTO SCHLÜTER (1872-1959). O OBJETIVO DESTE ARTIGO É RELER E ESBOÇAR OS PRINCIPAIS PENSAMENTOS DE SCHLÜTER, SUAS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS E SEUS MENTORES ACADÊMICOS DENTRO DO CONTEXTO DA GEOGRAFIA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX E EM RELAÇÃO COM A ABORDAGEM *SAUERIANA*, COM A FINALIDADE DE REVELAR O SEU SIGNIFICADO E LEGADO PARA A GEOGRAFIA DO SÉCULO XXI.

PALAVRAS-CHAVE: **OTTO SCHLÜTER, HISTÓRIA DA GEOGRAFIA CULTURAL, MORFOLOGIA DA PAISAGEM.**

A história da geografia cultural não pode ser compreendida sem se referir aos contextos sociais, políticos e econômicos e aos pensamentos filosóficos e científicos vigentes em cada época. Evidentemente, não existe uma única origem da disciplina, mas um "campo de forças" com uma dinâmica contínua que se alimenta das suas discussões e críticas. Nesses debates e nas suas publicações resultantes, pode-se perceber (parafraseando Wright, 1947) que muito está sendo escrito sobre a natureza da geografia cultural e muito pouco sobre a natureza dos geógrafos culturais. Não raramente, geógrafos culturais mudam de posição ou ponto de vista, às vezes em plena oposição aos seus mestres; outros ganham destaque instantâneo na comunidade acadêmica ou "viram moda"; outros ainda recebem um reconhecimento tardio e deixam suas marcas apenas postumamente. Desta forma, torna-se difícil diferenciar entre matrizes e matizes na paisagem intelectual da geografia cultural. Como a análise de teorias e paradigmas apenas pode acontecer depois da sua divulgação no ambiente acadêmico, "a identificação acrítica de influências e ligações é um perigo sempre presente ao reconstruir a história dos pensamentos geográficos" (Livingstone e Harrison, 1981, p. 360).

Para compreender melhor a natureza da geografia cultural, torna-se necessário pesquisar as "linhagens" dos seus representantes e suas razões de defender, representar, abandonar ou condenar

determinadas idéias. O exemplo da consolidação da geografia cultural nos Estados Unidos mostra que o geógrafo Carl Sauer foi influenciado por antropólogos como Franz Boas e Alfred Kroeber, filósofos como Kant e Herder e geógrafos como von Richthofen e Passarge. Quanto à metodologia de Sauer, Hartshorne (1939) observa que ela é derivada de autores alemães e se baseia principalmente nas obras de Otto Schlüter (1872-1959), cuja morfologia da paisagem cultural representou uma contribuição essencial ao pensamento de Sauer e seus discípulos na "Escola de Berkeley".

Neste contexto, o objetivo desta pesquisa é traçar as idéias que o geógrafo alemão Otto Schlüter desenvolveu acerca da geografia cultural e contextualizá-las em face do pensamento geográfico da sua época e em relação à geografia cultural de Carl Sauer e seu significado nos tempos atuais.

Para realizar esse trabalho de retratar Otto Schlüter e fazer uma (re)leitura das suas obras[1], subdivide-se este artigo em três etapas: os pensamentos que influenciaram a geografia de Otto Schlüter, as idéias e pesquisas do próprio Schlüter e, finalmente, seu "legado" para a geografia cultural.

OTTO SCHLÜTER: SUA FORMAÇÃO INTELECTUAL E PROFISSIONAL

Filho de uma família com tradição na área jurídica (o pai era advogado e tabelião e a mãe veio de uma família de funcionários públicos e advogados), Otto Schlüter nasceu em 17 de novembro de 1872, em Witten/Ruhr. Depois da mudança para a cidade de Essen, em 1878, ele teve suas primeiras aulas escolares com um professor particular até ingressar no "Ginásio Humanista" da cidade, onde ele pôde apreciar aulas de geografia muito inspiradoras, o que foi "de grande importância para meu desenvolvimento posterior" (Schlüter, 1952, p. 289). Segundo relatos do próprio Schlüter, o seu professor o iniciou nas leituras de Carl Ritter e Oscar Peschel, apresentando-lhe os problemas da geografia científica, tanto as formas genéticas da paisagem quanto as suas relações com os povos, sua cultura e sua história, em vez de uma "descrição árida" como era de praxe naquela época. Apesar do seu interesse pela geografia, Otto Schlüter não optou pela geografia ao ingressar na universidade, mas começou a freqüentar aulas nas disciplinas de História, Filologia Alemã e História da Literatura em Freiburg/Breisgau. Mas já no quarto semestre, ele pediu a transferência para Halle/Saale, onde se dedicou aos estudos da geografia (principalmente geologia e mineralogia) sob a influência de Alfred Kirchhoff (professor em Halle desde 1873 e considerado o fundador da geografia escolar na Alemanha) cujas aulas eram "extremamente inspiradoras e claras" (Schlüter, 1952, p. 289). Seu principal mentor filosófico foi o neo-kantiano Benno Erdmann (que também foi professor de Franz Boas) e o próprio Immanuel Kant, cujas obras eram muito benéficas para os seus textos sobre a metodologia da geografia. Em 1896, Otto Schlüter termina seu doutoramento em Filosofia sob a orientação de Kirchhoff, dissertando sobre o povoamento de um vale da sua região (*Siedelungskunde des Thales der Unstrut von der Sachsenburger Pforte bis zur Mündung*), uma dissertação de 64 páginas que representou o ponto de partida para muitas das suas publicações posteriores. Já em 1895 (ainda na fase de conclusão da sua dissertação), Schlüter se mudou para Berlim para "aperfeiçoar sua formação profissional" sob a orientação de Ferdinand von Richthofen, cuja personalidade "venerável"

como pesquisador e pessoa teve uma influência determinante para o desenvolvimento intelectual de Schlüter (Schlüter, 1952, p. 289). Depois de alguns anos de assistente na *Berliner Gesellschaft für Erdkunde* (1898-1900), sua defesa de livre-docência na Universidade de Berlim (1906) e da mudança para Bonn para um projeto de elaboração do Atlas Histórico da Renânia (1910), Otto Schlüter foi chamado no começo de 1911 para ocupar a vaga deixada por Alfred Philippson em Halle, onde ele lecionou até 1938, reassumindo interinamente o cargo de professor por várias vezes até se aposentar definitivamente em 1951. Mesmo depois de se retirar da universidade, ele continuou as suas atividades científicas até a sua morte em 12 de outubro de 1959. Destaca-se sua participação e contribuição na Leopoldina[2], em quase 60 dissertações de doutoramento "estimuladas e avaliadas" (Schlüter, 1952, p. 292) e dezenas de publicações – desde trabalhos detalhados sobre a geografia dos povoamentos (por exemplo, Schlüter, 1899), discussões metodológicas (Schlüter, 1920), até curiosidades como artigos sobre a descoberta da rota marítima para a Índia Ocidental por Vasco da Gama, vulcões extintos e paisagens de karst na França e a pronúncia do nome *Kerguelen*.[3]

Mentores, influências e as teorias geográficas no fim do século XIX

Para analisar o desenvolvimento e o contexto do pensamento de Otto Schlüter seria preciso considerar as influências de inúmeros autores, sendo a descrição e interpretação de cada personagem um trabalho à parte. Otto Schlüter não era um seguidor obediente de determinados pensamentos e ideologias, mas um cientista crítico que construiu a sua própria idéia da geografia, juntando, combinando e (re)conciliando influências que, à primeira vista, pareciam opostas. Schick (1982) distingue duas fases na vida científica de Schlüter: a primeira fase, o período da última década do século XIX até 1910 (antes de assumir em Halle), consistia em reflexões filosóficas e trabalhos empíricos para estabelecer uma geografia regional com uma relação equilibrada entre seus componentes físicos e culturais. A segunda fase (1911 até 1951) visava ao refinamento da sua metodologia nas pesquisas.

Quanto à sua formação profissional, Otto Schlüter construiu sua própria visão da geografia, tomando emprestado dos seus mentores e orientadores o que ele julgou o mais importante. As influências mais marcantes para Schlüter eram os pensamentos de Immanuel Kant e seus seguidores, os neo-kantianos Erdmann, Dilthey e Windelband, e seu professor em Berlim, Ferdinand von Richthofen.

Quanto à filosofia do Kant, Schlüter não se apoiava na *Physische Geographie*, mas na *Crítica da Razão Pura*, segundo a qual a "matéria prima" do conhecimento consistia no mundo externo, percebido pelos sentidos e invariavelmente processado pela mente humana (Livingstone e Harrison, 1981). Kant compreendia que havia duas fontes de conhecimento humano: a primeira baseava-se no reino da sensação, dos sentidos e da percepção dos objetos, e abrangia as ciências naturais; a segunda fonte se referia à razão e compreensão (*verstehen*) e incluía todas as ciências históricas, do espírito e da cultura que objetivavam pensar os objetos. Enquanto a primeira modalidade tratava do *fenômeno*, que é "aquilo que se apresenta ao sujeito do conhecimento na experiência", a segunda se ocupava com o *nômeno*, "aquilo que não

é dado à sensibilidade nem ao entendimento, mas é afirmado pela razão" (Chauí, 2000, p. 232). A geografia, na tradição *kantiana* e ao lado da antropologia (síntese dos conhecimentos relativos ao homem), representava uma ciência sintética e descritiva dos conhecimentos sobre a natureza (e não do homem!) que visava alcançar uma visão do conjunto do planeta (Moraes, 1995, p. 14).

Esses pressupostos filosóficos representam o fio da meada do pensamento de Otto Schlüter que, como muitos geógrafos alemães na virada do século, estava "à procura de uma definição [da geografia] que oferecesse a vantagem de circunscrever um objeto claro e de explicá-lo, evitando as querelas de fronteiras com as disciplinas vizinhas" (Claval, 2001, p. 23). Já em 1899 (aos 26 anos), Schlüter tinha feito um apelo para uma geografia "com métodos mais rígidos, problemas mais tangíveis e conhecimentos mais profundos" (Schlüter, 1899, p. 84). Suas preocupações giraram em torno da delimitação clara do campo da geografia diante das discussões polarizadas entre o determinismo e o possibilismo, geografia geral e geografia regional e leis universais e casos singulares (nomotético x ideográfico).[4] Schlüter conhecia as obras de Ratzel, mas discordava do determinismo ambiental e rejeitava a geografia política do Estado-Nação que, mais tarde, se tornaria "Geopólitica".[5]

Em face do desenvolvimento da geografia na Alemanha, suas preocupações giraram em torno da questão se os conceitos e métodos da geografia física e humana realmente eram tão diferentes que não pudessem ser abrigadas na mesma disciplina. A divisão nítida das ciências feita pelos kantianos foi escolhida como ponto de partida para todas as pesquisas geográficas: baseando-se nas ciências da sensação, a abordagem geográfica apenas deve incluir "o que o olho humano consegue captar na paisagem" (Lautensach, 1952, p. 219).[6]

Enquanto "marcas visíveis" – como povoados, estradas, pontes ou outras obras da ação humana – são consideradas assunto da geografia humana, o espiritual e cultural – como o Estado, fronteiras, economia e religião – não podem ser objeto das pesquisas geográficas, também pela "variedade infinita" dos seus processos interrelacionados e contraditórios que impedem uma adaptação contínua na organização da superfície terrestre (Schlüter, 1924, p. 443). Portanto, mesmo que essas marcas "invisíveis" não sejam objeto da geografia, elas não devem ser excluídas das pesquisas porque são "fatores relevantes"[7] na transformação da superfície terrestre. Enquanto as marcas visíveis representam o objeto da geografia e precisam ser descritas sob critérios fisionômicos para o registro (Lautensach, 1952, p. 226), os elementos culturais invisíveis como a religião ou a língua (que não pertencem à natureza da paisagem) apenas serão contemplados para explicar e analisar a paisagem.

Ao aceitar a inclusão de informações percebidas pelos "sentidos internos" (ciências da razão), Schlüter se opõe à separação rigorosa das ciências na concepção *kantiana*, o que também se mostra nas pesquisas de Schlüter que valorizavam a experiência real e a observação direta, diferente de Kant que foi "um geógrafo de poltrona" com base nas pesquisas filosóficas (Tatham, 1960, p. 557).

Uma segunda influência decisiva para Otto Schlüter foi o pensamento do seu orientador na Universidade de Berlim, Ferdinand von Richthofen, um geógrafo com forte interesse na geomorfologia em tempos de confronto metodológico entre a

geografia físico-matemática como ciência sistemática (Humboldt e Peschel, por exemplo) e a geografia histórico-filosófica (a origem da geografia regional). Em vez de condenar o historicismo *ritteriano* com a sua ênfase no regional, von Richthofen procurou elementos em comum entre essas duas correntes, o que Otto Schlüter mais tarde iria sintetizar na sua morfologia da paisagem cultural.

À primeira vista, a ligação entre Schlüter (geografia humana) e von Richthofen (geografia física) parece uma contradição, mas o próprio Schlüter ressalta que, tanto na geografia física quanto na geografia humana, precisa-se partir dos fenômenos concretos e compreendê-los de todos os lados (Schlüter, 1899, p. 66). Nesse sentido, os estudos da geomorfologia (especialidade de von Richthofen) com sua análise dos seus fenômenos e problemas são os mais adequados para estimular um "pensamento geográfico" (Schlüter, 1952, p. 289), porque a geomorfologia se destaca pela clareza do seu objeto de estudo.[8] No final das contas, tratava-se de um pensamento geográfico "tradicional" onde o homem aparece "como um elemento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como mais um fenômeno da superfície da Terra (Moraes, 1995, p. 23).

Schlüter escolheu a "geografia dos povoamentos" (*Siedelungsgsgeographie*) como exemplo humano da geomorfologia, observando que "tanto as costas marítimas e suas formas características quanto a imagem dos povoados humanos percebida pelos sentidos são assuntos da pesquisa geográfica" (Schlüter, 1899, p. 65).

Por outro lado, a definição da geografia de von Richthofen, na sua aula inaugural em Leipzig, em 1883, como "ciência da superfície da terra e os fenômenos em relação causal com ela" (Lautensach, 1952, p. 219) não foi satisfatória para Schlüter. Os aspectos físicos como objeto da geografia e as ações humanas como apenas determinadas pela natureza não podiam servir para a geografia humana que não pode ser reduzida a um "traçado das influências físico-geográficas sobre o homem e suas obras (Schick, 1982, p. 116). Ao pesquisar as influências da natureza sobre o homem, a geografia destruiria a "unidade interna" da disciplina (Schlüter, 1899, p. 66). Schlüter considerava a abordagem determinista uma "falha cardinal" por naturalizar os fenômenos humanos e defendia uma geografia que simplesmente "esquecia" a dicotomia entre o humano e o físico e que poderia ter um papel bastante "surpreendente": nas pesquisas com peso nas ciências exatas, a geografia procuraria o único ao registrar o que é característico para cada região, enquanto nas pesquisas humanas ela objetivaria uma compreensão através da generalização dos acontecimentos e uma busca por regularidades e leis (Schlüter, 1920, p. 218).

Em oposição ao pensamento do seu mentor von Richthofen, mas com o apoio (!) do mesmo, Schlüter desenvolveu seus pensamentos metodológicos com o intuito de tentar encontrar um caminho entre o determinismo ambiental e o anti-determinismo que sobrestimava a influência da sociedade humana na superfície terrestre.

A MORFOLOGIA DA PAISAGEM CULTURAL DE SCHLÜTER

A partir dos seus pressupostos filosóficos herdados de Kant e von Richthofen, Schlüter elaborou uma metodologia que se baseou no conceito de paisagem e sua morfologia em face das marcas que a ação humana deixa na superfície terrestre.

Em analogia à geomorfologia, o ponto de partida para Otto Schlüter era o estudo das formas da paisagem. Para essa finalidade, Schlüter tomou

emprestado o termo "morfologia" dos estudos biológicos e geológicos do escritor alemão Goethe. Num sentido mais amplo, morfologia é vista como a ciência (*Lehre*) das formas externas (*Gestalt*) que abrange também a estrutura interna de plantas, animais ou formas do relevo e as relações entre os órgãos ou partes do relevo (Leser et al., 1987, pp. 417-8). Aplicado na geografia cultural, esse método morfológico (ou) atribui uma atenção espontânea e crítica a formas e padrões, os quais o olho treinado ("olho morfológico", Sauer, 1957) chega a (re)conhecer para fins de explicação. Trata-se de "um sistema puramente evidencial, sem qualquer idéia preconcebida no que diz respeito ao significado da sua evidência, pressupondo o mínimo de suposição, ou seja, somente a realidade da organização estrutural. Sendo objetiva e livre de valores, ou quase isso (*sic!*), é competente para chegar a resultados progressivamente significativos" (Sauer, 1998, p. 32).

Nesta visão, tanto a geografia física quanto a geografia humana devem partir dos fenômenos concretos da paisagem. O que deve ser registrado é a imagem da paisagem (*Landschaftsbild*,) na qual os elementos de descrição são fenômenos da superfície terrestre que possam ser pensados como se fossem projetados no plano de uma carta topográfica (Schlüter, 1920, p. 148). Essa *Landschaftsbild* pode ser imaginada como a imagem de um observador ideal que, em uma posição nas alturas, consegue enxergar uma região inteira de tal maneira que os elementos da paisagem não se tornem uma massa indistinguível, mas uma imagem que possa ser ajustada para qualquer grau de precisão (Schlüter, 1920, p. 152).

Nesta análise, Schlüter se preocupava com a separação nítida entre objeto de pesquisa e os fatores explicativos. Para Schlüter, a geografia humana tinha a paisagem como objeto de pesquisa e fundamentava-se na metodologia das ciências naturais (observação, descrição das formas materiais), mas exigia a inclusão de fenômenos "não geográficos" para uma explicação detalhada da paisagem (Schlüter, 1920, p. 214). Esses fatores relevantes (*gestaltende Faktoren*) da paisagem não são as forças físicas da Terra, mas as ações, os motivos e as finalidades dos homens (Schlüter, 1928, p. 391), e o geógrafo deveria apreciar todas esses fatores causais na mesma medida (Schlüter, 1899, p. 67). Para a explicação dos fatos, as "coisas estranhas" também precisam ser levadas em conta: O que é "ageográfico" não *pode*, mas *deve* ser incluído na pesquisa, porque a "visão nítida do objetivo [da geografia] justifica uma tolerância que seja a mais liberal possível" (Schlüter, 1906 apud Lautensach, 1952, p. 222) – desde que esses fenômenos não se tornem objeto da geografia. Se religião, língua ou arte fossem objeto da disciplina, os limites da geografia se deslocariam para o infinito, porque a disciplina iria incluir ciências inteiras como sociologia ou economia.

Schlüter tentava tirar qualquer tendência determinista (ou ambientalista) da sua metodologia, dizendo que o objeto da geografia não era o que é determinado pelo meio (*Landesnatur*), mas o que pertence ao meio (Schlüter, 1899, p. 66).

Para Schlüter, a paisagem cultural é a expressão geográfica da cultura (Schlüter, 1928, p. 392). Portanto, não é suficiente apegar-se apenas ao presente. Para essa finalidade, Schlüter (como também Sauer mais tarde) se apoiou nas obras de dois autores: do jurista e economista August Meitzen (1822-1910), que trabalhou sobre problemas de economia e direito fundiário rural e elaborou uma

"matriz histórica das formas de povoados com documentação cartográfica abundante (Sauer, 2000a, p. 73), e de Eduard Hahn (1856-1928), um aluno de von Richthofen que se ocupava com o problema da origem da agricultura e da história da domesticação dos animais e apresentou uma classificação das regiões agrícolas do mundo (Sauer, 2000b, p. 109). Para Schlüter, havia uma divisa nítida entre a história e a geografia. Mesmo como "ciência do presente", a geografia não deve se restringir à pesquisa sobre o estado atual da paisagem, porque a compreensão da "natureza dos países" não seria possível sem a comparação dos diferentes estágios de desenvolvimento no mesmo lugar em épocas diferentes (Schlüter, 1930, p. 302).

Não é por acaso que Schlüter mostrou uma preferência pela geografia dos povoamentos. As marcas que a ação humana deixa na paisagem ficam mais visíveis – por exemplo, partindo da planta de um povoado seria possível deduzir a sua história (Schlüter, 1899, p. 72). Como ponto de partida na paisagem cultural, Schlüter pesquisou as "obras humanas, que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica" (Sauer, 2000b, p. 106). Ao mesmo tempo, ele não separou apenas paisagens culturais e naturais, mas também classificou as paisagens conforme a intervenção humana. Distinguia entre paisagem original (*Urlandschaft*), que é a paisagem antes da intervenção da ação humana; paisagem natural (*Naturlandschaft*), condição da paisagem quando todas as obras humanas iriam parar, isto é, a aparência teórica da paisagem sob as condições climáticas quando todos os elementos antrópicos sumiriam e apenas as forças naturais atuariam (Lautensach, 1952, p.222); paisagem antiga (*Altlandschaft*), a paisagem no começo da intervenção humana quando foram abertas picadas e clareiras e drenados pântanos para a agricultura; e a paisagem cultural, que mostra as marcas das obras do homem.

Para ilustrar melhor o trabalho morfológico "na prática", serão discutidas algumas passagens de um artigo de Schlüter, que explica a geografia analítica da paisagem cultural através das pontes, que, como fenômenos na paisagem, "pertencem aos objetos mais atraentes" para uma abordagem em geografia cultural (Schlüter, 1928, p. 393).

Nesta metodologia, o primeiro passo do trabalho visa à descrição dos objetos materiais como local, tamanho, formas e suas inter-relações. Em seguida, ou também paralelamente, realiza-se uma análise do contexto para revelar o que existe "atrás dos fenômenos materiais". Nesta fase, os *gestaltende Faktoren* (inclusive fenômenos sociais, mentais, intelectuais, sentimentos e intenções) são consultados para compreender a gênese e as causas da formação da paisagem. Trata-se de uma pesquisa de caráter interdisciplinar na qual é "absolutamente necessário que áreas não geográficas sejam exploradas" (Schick, 1982, p. 117).

Na sua análise das pontes, Schlüter parte dos tipos de pontes (forma e material da sua construção) cuja variedade remete a poucas formas básicas que nem sempre se correlacionaram com a rede viária ou os meios de transporte. A análise da distribuição geográfica dos tipos de pontes mostra determinadas relações entre o material e as condições físicas locais. Enquanto pontes nas florestas tropicais são feitas de cipó ou bambu, as florestas européias se caracterizam pelas pontes de madeira, as zonas semi-áridas pelas pontes de pedra e as zonas áridas pela total ausência destas construções. O mapa da

distribuição geográfica das pontes tem muitas semelhanças com os mapas de vegetação e precipitação da mesma região (Schlüter, 1928, p. 405).

Schlüter enfatiza a necessidade de um tratamento sistemático da paisagem cultural na qual os elementos relevantes precisam ser registrados "para uma organização planejada da paisagem cultural sem arbítrio" (Schlüter, 1928, p. 411).

Depois desta análise genética e causal podem ser investigadas as relações das pontes com outros temas como os meios de transporte ou a geomorfologia (por exemplo, as formas dos vales).

Quanto à relação entre as pontes e o transporte, Schlüter observa que, em geral, os homens objetivam superar a interrupção do transporte terrestre, primeiro através de balsas e pontões (pontes móveis), depois através da construção de pontes permanentes. Essas obras se realizam conforme a "tensão econômica" e a "necessidade político-estratégica" (p. 405). Portanto, economia e cultura dos povos não são homogêneas, e a "resistência da natureza" age de uma forma desigual, de modo que essas aspirações se realizam em grau e velocidade diferentes (p. 405).

Na costa holandesa com seus deltas fluviais ou na paisagem dissecada dos fiordes noruegueses, dá-se preferência aos barcos, porque não seria possível construir todas as pontes necessárias para o trânsito. No caso do Mississippi (na década de 20) havia 13 pontes para a travessia, enquanto os Rios Irtysch, Ob e Jenissei na Rússia tinham apenas uma ponte e o Rio Amazonas (até os dias de hoje), nenhuma.

A morfologia da paisagem cultural não se restringiu à pessoa de Schlüter, mas encontrou seguidores não apenas na Alemanha (como Norbert Krebs, Otto Maull e Albrecht Penck), mas também em outros países. Na França, a análise geográfica a partir da paisagem teve como representante Jean Brunhes, discípulo de Vidal de la Blache, que levou a sério as exigências metodológicas da pesquisa e ficou bem "mais próximo da geografia cultural alemã do que os outros geógrafos franceses (Claval, 2000, p. 36). Nos Estados Unidos foi Carl Sauer que desenvolveu as suas idéias acerca das marcas visíveis na paisagem.

O legado de Otto Schlüter na Geografia Cultural e sua utilidade para os tempos atuais

Em sua "Morfologia da Paisagem", Carl Sauer observa que "a identidade da paisagem é determinada, antes de mais nada, pela visibilidade da forma" (Sauer, 1998, p. 28), embora "nós não possamos nos limitar ao que é visualmente conspícuo, mas nós também tentamos registrar tanto os detalhes quanto a composição da cena, encontrando nela questionamentos, confirmações, itens ou elementos que são novos ou que estão faltando" (Sauer, 1957). A questão da "visibilidade" dos elementos na paisagem representa o ponto fraco da metodologia da Geografia Cultural que, a partir dos anos 70, seria a causa de ataques de vários lados. Talvez seja por causa da peculiaridade dos Estados Unidos (país multi-cultural com uma riqueza de paisagens diferentes) que Sauer tenha enfatizado mais a dimensão cultural nos seus trabalhos, enquanto a paisagem cultural de Schlüter tinha mais o sentido de uma "paisagem humanizada" (Claval, 2000, p. 24). Sauer distinguia entre geografia humana (relação do homem com seu meio no sentido *ratzeliano*) e a geografia cultural, que examinava elementos da cultura material que conferiam um caráter específico a uma área (Sauer, 2000b, p. 100).[9]

Os representantes da chamada *Nova Geografia Cultural* criticaram o interesse dominante nos

artefatos físicos como cabanas de madeira, cercas e delimitações de lavouras nas zonas rurais (Cosgrove e Jackson, 1987), que no contexto americano criou a imagem de uma "folclorização" exagerada. Segundo eles, Sauer teria descuidado das práticas culturais com suas (invisíveis) estruturas econômicas, sociais e políticas, e suas relações de poder (McDowell, 1996). A insistência no rigor metodológico com base nas idéias de Otto Schlüter gerou inúmeros trabalhos empíricos, o que os críticos da Escola de Berkeley na década de oitenta interpretaram como "falta de solidez teórica" (Duncan, 2000, p. 75).

Na própria Alemanha, os geógrafos sociais, por sua vez, classificaram o período morfológico como estéril por ter insistido em uma sobrevalorização do estrutural e formal (Ruppert e Schaffer, 1979) e como ciência de objetos em vez de relações que não levaria em consideração as invisíveis ações da mente humana , o que representou um verdadeiro empecilho para o desenvolvimento da Geografia Social.

Otto Schlüter no século XXI

A geografia, na concepção de Otto Schlüter, era uma ciência natural dos fenômenos humanos, na qual, na colocação de Jean Brunhes, "a casa (como elemento fixo da paisagem) tem mais importância do que o morador" (Moraes, 1995, p. 23). Nesta perspectiva, como observa Sauer (2000b, pp. 105-6), "toda geografia é (...) geografia física, não porque o trabalho humano esteja condicionado pelo meio, mas porque o homem, por si mesmo, é *objeto indireto da investigação geográfica*, confere expressão física à área com suas moradias, seu lugar de trabalho, mercados, campos e vias de comunicação" (grifo meu). Essa visão geográfica apenas confirma a natureza da geografia cultural do começo do século XX até os anos 50 e 60, que foi fundamentada nas decisões racionais dos homens, o que simplesmente excluía os aspectos subjetivos da realidade, como os sonhos, os símbolos, as ideologias ou as aspirações místicas (Claval, 2000, p. 58).

A análise das idéias, conceitos e visões de um geógrafo imprescinde a contemplação do seu contexto sociocultural e do pensamento filosófico-geográfico não apenas da sua época, mas também das anteriores e posteriores. As (re)leituras das obras de Otto Schlüter estão longe de uma exploração completa da verdadeira contribuição e influência desse geógrafo e exigiriam, em uma seqüência quase infinita, a leitura das obras de outros autores que, por sua vez, quase como uma reação em cadeia, requereriam a leitura de mais outros autores e suas obras que, por sua vez, exigiria mais outras leituras etc.

Discutir os trabalhos de um determinado geógrafo sempre significa seguir um caminho tortuoso entre idolatras e iconoclastas, sobretudo nos tempos atuais, nos quais as idéias *schlüterianas* carregam uma sensação forte de uma geografia positivista do passado, o que não deve ser levado à condenação, mas à compreensão das suas idéias, no sentido do *verstehen*. O próprio Schlüter admitiu que deixou apenas fragmentos e sugestões para uma geografia da paisagem cultural (Schlüter, 1952, p. 291), embora ele tenha mostrado um rigor metodológico nas suas pesquisas que nunca mais foi alcançado até os dias de hoje, sobretudo quando se leva em conta que a geografia do terceiro milênio se caracteriza pela sua "variedade vertiginosa de abordagens" como resultado da perda do "ponto onividente" que permitia a visão da paisagem intelectual da geografia como um todo (Sui, 2000,

p. 322)[10], um desenvolvimento que, sem dúvida, não seria a geografia que Otto Schlüter imaginava.

Hoje, as marcas visíveis da paisagem cederam lugar à leitura ou decodificação geográfica das paisagens simbólicas (por exemplo, Cosgrove, 1998), cuja principal missão parece ser (utilizando-se as palavras do pintor Paul Klee) "não mais representar o visível, mas tornar visível", uma atitude que parece retomar as idéias dos cientistas medievais que acreditavam "que mesmo as coisas materiais tinham um significado maior, que as coisas que eram visíveis e concretas eram apenas sombras e símbolos das coisas que eram invisíveis e espirituais" (Kimble, 2000, p. 44).

Agradecimentos

Devido às dificuldades de obter os textos originais de Otto Schlüter, tive que contar com a ajuda importante das seguintes pessoas, às quais devo meus sinceros agradecimentos: Dra. Sybille Gerstengarbe, da *Deutsche Akademie der Naturforscher Leopoldina*, em Halle/Saale, e Volker Zimmer (MSc), da Universidade de Hamburgo.

Notas

[1] As citações dos textos originais de Otto Schlüter são traduções (alemão-português) de minha autoria.

[2] A Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina foi fundada em 1.1.1652, em Halle/Saale. Otto Schlüter foi aceito como associado em 1923, se tornou membro da diretoria em 1924, vice-presidente em 1942 e exerceu a função de presidente entre março de 1952 e dezembro de 1953. Para um relato detalhado sobre o trabalho de Schlüter na Leopoldina, sobretudo durante os primeiros anos pós-guerra sob a ocupação soviética, veja Gerstengarbe (1996, 1997).

[3] Além destas publicações, constam ainda cerca de 350 resenhas de livros em revistas acadêmicas. Para uma bibliografia completa até 1952, veja Schlüter (1952).

[4] As discussões entre os regionalistas e os sistemáticos (geografia geral) mostraram as diferentes (e nem sempre claras) posições entre Hettner e Schlüter, na Alemanha, e Hartshorne e Sauer, nos Estados Unidos. Tanto Schlüter quanto Sauer privilegiaram o tema à região. A geografia não tem como objetivo formular regras gerais, mas visa a uma investigação dos fenômenos que seja a mais exata e metodológica possível (Schlüter, 1899, p. 75).

[5] Schlüter mantinha-se informado sobre as discussões na geografia política e chegou a publicar um artigo (Schlüter, 1924) na revista *Zeitschrift für Geopolitik*, editada por Karl Haushofer.

[6] No caso da climatologia, há fenômenos visíveis como nuvens e precipitação e outros "sensíveis" como vento e temperatura. Por isso, alguns cientistas não consideraram a pressão do ar um elemento climático, porque não podia ser "sentido" (Schlüter, 1920, p. 150).

[7] No original, Schlüter fala de *gestaltende Faktoren*, cuja tradução deve ser feita no sentido de fatores que formam, criam e moldam. Aqui será traduzido como "fatores relevantes".

[8] Carl Sauer compartilha a mesma linha de pensamento quando observa que não é por acaso que alguns dos geógrafos que contribuíram para o desenvolvimento da geografia humana também tinham contribuído para a geografia física (Sauer, 1957).

[9] Schlüter usava o termo *Kulturgeographie* para as geografias dos povoamentos, do transporte e da economia, diferente de Carl Sauer cujos trabalhos ficaram impregnados pelas influências da Antropologia Cultural norte-americana.

[10] Numa perspectiva pós-moderna, Daniel Sui explora o sentido metafórico da visão no discurso geográfico (geografia como lente, espelho ou olhar) e a contrapõe à audição (geografia como diálogo, conversa, polifonia ou heterotopia) como metáfora preferida dos geógrafos de hoje em dia cuja "tarefa desanimadora" é menos compreender do que falar sobre o que está acontecendo na geografia (Sui, 2000, p. 322)

Referências bibliográficas

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. 2ª. edi. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

COSGROVE, Denis. "A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas". In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, pp. 92-123.

COSGROVE, Denis e JACKSON, Peter. "New directions in Cultural Geography". *Area*, v.19, n.2, pp. 95-101, 1987.

DUNCAN, James S. "Após a Guerra Civil: Reconstruindo a Geografia Cultural como Heterotopia". In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.) *Geografia Cultural: Um século (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, pp. 61-83.

GERSTENGARBE, Sybille. "Plötzlich musste ich Geschäfte übernehmen." Otto Schlüters Ringen um den Erhalt der Leopoldina nach dem Zusammenbruch Hitlerdeutschlands. Jahrbuch 1995. *Leopoldina* (R.3), 41, pp. 439-76, 1996.

GERSTENGARBE, Sybille. Die Mitgliederzuwahlen der Leopoldina in den Jahren zwischen 1945 und 1954. Jahrbuch 1996. *Leopoldina* (R.3), 42, pp. 479-507, 1997.

HARTSHORNE, Richard. The Nature of Geography. Lancaster/Penn., 1939 (parcialmente disponível na internet: <http://www.colorado.edu/geography/giw/hartshorne-r/hartshorne-r.html>, acesso em 26.12.2001).

KIMBLE, Georg. *Geografia na Idade Média*. Londrina: Editora UEL, 2000 [1938].

LAUTENSACH, Hermann. Otto Schlüters Bedeutung für die methodische Entwicklung der Geographie. *Petermanns Geogr. Mitt.* v.96, pp. 219-31, 1952.

LESER, H. et al. *Diercke Wörterbuch der Allgemeinen Geographie*. Band 1 A-M. 3ª edição. Munique: DTV, 1987.

LIVINGSTONE, David N., HARRISON, R. T. Immanuel Kant, subjectivism, and human geography: a preliminary investigation. *Trans. Inst. Brit.Geogr.* N. S. 6, pp. 359-74, 1981.

MCDOWELL, Linda. "A transformação da geografia cultural". In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. *Geografia Humana. Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, pp. 159-88.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia. Pequena história crítica*. 14ª edição. São Paulo: Hucitec, 1995.

RUPPERT, Karl, SCHAFFER, Franz. "La Polémica de la Geografía Social en Alemania (I): Sobre la Concepción de la Geografía Social". *Geocrítica*. Ano 4, n. 21, maio de 1979.

SAUER, Carl O. The Education of a Geographer. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 46, pp. 287-99, 1957.

———. "Morfologia da paisagem cultural". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998[1925], pp. 12-74.

———. "Desenvolvimentos recentes em Geografia Cultural". In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs.) *Geografia Cultural: Um século (1)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000a[1927], pp. 15-98.

———. "Geografia Cultural". In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (org) *Geografia Cultural: Um século (1)*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2000b[1931], pp. 99-110.

SCHICK, Manfred. "Otto Schlüter, 1872-1959". In: *Geographers, Biobibliographical Studies* V.6, pp. 115-22, 1982.

SCHLÜTER, Otto: "Bemerkungen zur Siedelungsgeographie" *Geogr. Ztschr.*, v. 5, pp.65-84, 1899.

———. "Die Erdkunde in ihrem Verhältnis zu den Natur- und Geisteswissenschaften" *Geogr. Anzeig.*, v.21 , pp. 145-52, pp. 213-18, 1920.

———. "Staat, Wirtschaft, Volk, Religion in ihrem Verhältnis zur Erdoberfläche" *Ztschr. f. Geopolitik*, v.1, pp. 378-83, pp. 432-43, 1924.

———."Die analytische Geographie der Kulturlandschaft erläutert am Beispiel der Brücken" *Ztschr. d. Ges. f. Erdk.* Berlin, Sonderband, 1928, pp. 388-411.

———. "Über die Aufgaben der Verkehrsgeorgraphie im Rahmen der 'reinen Geographie'". *Petermanns Mitt.* (Ergänzungsheft 209), pp. 298-309, 1930.

———. "Lebenslauf des ordentlichen Professors der Geographie Dr. Otto Schlüter". *Petermanns Geogr. Mitt.* v. 96, pp.289-93, 1952.

UI, Daniel Z. "Visuality, aurality, and shifting metaphors of geographical thought in the late twentieth century". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 90, n. 2, pp.322-43, 2000.

TATHAM, George. "A Geografia no século XIX". *Bol. Geogr.*, v. 18, n. 157, pp. 551-578, jul/ago 1960.

WRIGHT, John K. "Terrae Incognitae: The Place of Imagination in Geography". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 37: pp. 1-15, 1947.

ABSTRACT

MUCH HAS BEEN WRITTEN ABOUT THE NATURE OF CULTURAL GEOGRAPHY, BUT VERY FEW ABOUT THE NATURE OF CULTURAL GEOGRAPHERS AND HOW THEY BUILD, CHANGE, AND INNOVATE THEIR CONCEPTIONS OF THE DISCIPLINE. AN IMPORTANT CONTRIBUTION TO THE THEORETICAL DISCUSSIONS OF THE LANDSCAPE CONCEPT IN CULTURAL GEOGRAPHY ARE THE METHODOLOGICAL PROPOSALS ABOUT THE ANALYSIS OF THE MORPHOLOGY OF CULTURAL LANDSCAPE, WORKED OUT BY THE GERMAN GEOGRAPHER OTTO SCHLÜTER (1872-1959). THE AIM OF THIS ARTICLE IS TO RE-READ AND SKETCH OUT SCHLÜTER'S PRINCIPAL THOUGHTS, HIS PHILOSOPHICAL INFLUENCES AND ACADEMIC MENTORS WITHIN THE CONTEXT OF GEOGRAPHY IN THE FIRST HALF OF THE TWENTIETH CENTURY AND IN RELATION TO THE SAUERIAN APPROACH IN ORDER TO REVEAL ITS SIGNIFICANCE AND LEGACY FOR 21ST CENTURY GEOGRAPHY.

KEYWORDS: **OTTO SCHLÜTER, HISTORY OF CULTURAL GEOGRAPHY, MORPHOLOGY OF LANDSCAPE.**